



TEA: A PSICOMOTRICIDADE COMO INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

ASD: PSYCHOMOTRICITY AS A PEDAGOGICAL INTERVENTION

Gabrielly Evangelina BEZERRA
Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí (IESC/FAG)
E-mail: gabriellye45@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-3290-264X>

Krísler Lira XAVIER
Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí (IESC/FAG)
E-mail: krislerlx1020@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-1981-9070>

Zilma Cardoso Barros SOARES
Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí (IESC/FAG)
E-mail: zilma_pedagoga@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2812-7121>

RESUMO

No atual cenário educacional brasileiro, a matrícula de discentes com TEA em contextos regulares de ensino tem crescido consideravelmente, e o país que possui paradigmas de educação inclusiva garante o acesso, a permanência e a integração dos alunos com esse diagnóstico nas instituições de ensino regular. Esse cenário tem feito os docentes se reinventarem quanto as metodologias a serem aplicadas, para que atenda a necessidade de todos os alunos. O presente estudo visou evidenciar as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. O método aplicado neste artigo é a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Assim, mediante análise de literatura, foi possível compreender a etiologia, características e a resignificação de Autismo e Psicomotricidade através do tempo e como a Psicomotricidade contribui para o desenvolvimento da criança autista, além dos desafios enfrentados pelos docentes no que se relaciona a aplicação do método e possíveis soluções. Através dos resultados e discussões foi evidenciado que a psicomotricidade é estimulante para a criança com o Transtorno do Espectro Autista e para os demais alunos, sendo uma metodologia capaz de despertar o interesse do discente e trabalhar todas as áreas prejudicadas pela TEA, garantindo sua participação na aula e interação social. Os resultados também demonstram a necessidade de mais

formações continuadas no que se refere a psicomotricidade como ferramenta pedagógica, bem como ambientes adaptados com disponibilidade de recursos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Psicomotricidade; Educação Infantil; Metodologias Inclusivas.

ABSTRACT

In the current Brazilian educational scenario, the enrollment of students with ASD in regular teaching contexts has grown considerably, and the country that has inclusive education paradigms guarantees access, permanence and integration of students with this diagnosis in regular education institutions. This scenario has made professors reinvent themselves in terms of the methodologies to be applied, in order to meet the needs of all students. The present study aimed to highlight the contributions of psychomotricity to the motor, cognitive and psychosocial development of children with Autism Spectrum Disorder. The method applied in this article is bibliographical research with a qualitative approach. Thus, through the analysis of the literature, it was possible to understand the etiology, characteristics and the redefinition of Autism and Psychomotricity over time and how Psychomotricity contributes to the development of the autistic child, in addition to the challenges faced by teachers in relation to the application of the method and possible solutions. Through the results and discussions, it was evidenced that psychomotricity is stimulating for the child with Autism Spectrum Disorder and for the other students, being a methodology capable of awakening the interest of the student and working all the areas impaired by ASD, guaranteeing their participation in the class and social interaction. The results also demonstrate the need for more continuing education with regard to psychomotricity as a pedagogical tool, as well as adapted environments with available resources.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder; Psychomotricity; preschool education; inclusive methodologies.

INTRODUÇÃO

Estudos acerca do Transtorno do Espectro Autista têm sido realizados há décadas, em divergentes áreas de conhecimento. A LDB em seu Art. 59, Inciso I,

assegura aos discentes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação o acesso a currículos, metodologias, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades.

Atualmente o diagnóstico do TEA se dá por meio de critérios clínicos, sendo ele um Transtorno do neurodesenvolvimento que pode resultar em prejuízos de interação social, comunicação, comportamentais e outros, variando de grau e intensidade. Enquanto a Psicomotricidade é a ciência que estuda o homem através do seu corpo em movimento, em relação ao seu mundo interior e exterior, podendo ser definida como a capacidade de determinar e coordenar mentalmente os movimentos corporais.

A pesquisa visa evidenciar as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Do objetivo geral, os específicos buscaram apresentar o histórico do Transtorno do Espectro Autista e a evolução de suas definições com o passar do tempo; compreender as contribuições da psicomotricidade como intervenção no desenvolvimento de crianças com TEA e identificar os desafios enfrentados pelos docentes relacionados a utilização de metodologias ativas como a psicomotricidade no cotidiano escolar de alunos com o Transtorno do Espectro Autista.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), afeta a vida do educando e interfere em áreas importantes do desenvolvimento do discente, como a motora e a psicossocial. Podendo afetar a comunicação, socialização e o desenvolvimento de diversas habilidades de suma importância na educação infantil. Devido a essa complexidade que o Espectro possui, Cunha (2015) conclui que o autismo pode variar de grau e intensidade. Dessa forma, os professores precisam estar preparados para agir conforme as características do aluno, sem a sensação de desamparado causada pela falta de informação e em um ambiente favorável para o desenvolvimento de metodologias adequadas.

Esse trabalho justifica-se no fato de que ao se tratar do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é imprescindível a busca por métodos de ensino focados nas potencialidades e dificuldades dos alunos, favorecendo uma aprendizagem significativa, que desperte o interesse da criança, sendo de extrema importância compreender qual a melhor maneira de desenvolver habilidades em crianças diagnosticadas com TEA, além de compreender a contribuição da Psicomotricidade como ferramenta pedagógica, para possibilitar atuar logo, antes que as áreas afetadas

pelo Espectro prejudiquem os estudos e a vida social da criança. Devido aos aspectos mencionados, se faz necessário buscar entender as contribuições da psicomotricidade como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem de alunos com TEA.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é elaborada por meio da análise e interpretações dos achados em materiais selecionados como livros, monografias, artigos científicos, e textos encontrados na Internet. O que torna o pesquisador centro do próprio conhecimento sobre o tema, na busca de forma ativa por ideias importantes ao estudo, com base em fontes confiáveis e comprovadas cientificamente. Assim, a pesquisa bibliográfica não se baseia em repetir o que foi evidenciado em outras pesquisas, mas em novas descobertas para o tema.

Os materiais necessários para a realização da revisão foram selecionados por meio de operadores booleanos "and", "not" e "or" nas bases de dados Google Acadêmico, SciELO e PePSIC. Devido à aplicabilidade, esta pesquisa bibliografia caracteriza-se como seletiva, pois graças a vasta gama de materiais optou-se por usar critérios de exclusão, sendo-os documentos publicados nos últimos 10 anos. Assim, foram selecionados diversos documentos referente a temática, incluindo livros que englobam a Psicomotricidade e transtorno do Espectro Autista em diversas perspectivas.

Dentre os achados para o referencial teórico ficaram em evidência: Lakatos APA (2014), Brasil (2010), Brasil (2013), Brasil (2003), Cabral (2001), Cordeiro e Da Silva (2018), Cunha (2015), Felício (2007), Instituto NeuroSaber (2019), Matson e Love (2018), Rodrigues (2021), dentre outros. Entre os teóricos citados anteriormente, foi obtido como fontes: monografias, pesquisas de campo, pesquisas bibliográficas e outros. Logo, levando-se em conta as inúmeras naturezas das pesquisas selecionadas, pode-se então ter melhor posicionamento sobre o tema, uma vez que possibilitou avaliar com atenção diversas definições e diferentes viés acerca da temática.

O presente artigo está dividido nos tópicos: histórico e evolução de conceitos do Transtorno do Espectro Autista (TEA); psicomotricidade, principais conceitos e benefícios no processo de ensino-aprendizagem; contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento global da criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro

Autista (TEA); desafios relacionados a utilização de metodologias ativas como a psicomotricidade no cotidiano escolar de alunos com o diagnóstico de Autismo e as considerações finais no último tópico.

HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DE CONCEITOS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

De acordo com Brasil (2003) os portadores do Transtorno do Espectro Autista, não apresentam diferenças físicas das outras crianças, mas possuem algumas especificidades no seu comportamento que acaba chamando a atenção das pessoas que se relacionam com elas diretamente, bem como familiares e professores. Alguns aspectos que possibilitam identificar o Transtorno do Espectro Autista nas crianças no convívio é que elas costumam isolar-se, se fechar dentro do seu próprio universo, podendo não fazer questão de interações sociais, o que dificulta a interação com outras pessoas, ocasionando também dificuldade na comunicação e atraso na linguagem. Além de que podem ser hiperativas ou demasiadamente passivas, apresentando inconstância na personalidade, o que leva a percepção de quão singular pode ser as características do transtorno em sua forma de manifestação.

A palavra “autismo” é derivada do grego, cujo significado é “voltar para si mesmo”. Na antiguidade houveram muitas definições e conceitos que contradizem os conceitos modernos, sendo elas definições que não permaneceram até os dias atuais.

Por volta de 1943, Kanner realizou um estudo envolvendo onze crianças entre 2 e 11 anos, três do sexo feminino e oito do sexo masculino, e fez a descrição de tudo que analisou em um artigo intitulado Distúrbios autísticos do contato afetivo (MERCADANTE; ROSÁRIO, 2009, p. 35). É importante ressaltar que, até então, os conceitos de Transtorno do Espectro Autista, esquizofrenia e psicose infantil se confundiam (BRASIL, 2013, p. 17). Porém, com o passar dos anos esses conceitos relacionados ao TEA foram resignificados e atualizados. Os novos critérios elaborados pela APA (Associação Americana de Psiquiatria) descrita no DSM-V - Diagnostic Manual of Mental Disorders APA (2014) considera que o autismo atualmente reflete melhor como um Espectro, ao invés de um grupo de transtorno diferentes.

Dependendo do grau, as crianças com TEA podem apresentar déficit de atenção, o que causa lentidão no aprendizado, e também valorizam demasiadamente uma rotina, no cotidiano delas se faz necessário horários específicos e planejamento. Outra

característica a ser destacada é que essas crianças raramente mantêm contato visual, podem ter dificuldade em obedecer a ordens e responder a estímulos auditivos como quando são chamadas.

Em 1960, ao observar a própria filha portadora de autismo, a psiquiatra inglesa Loran Wing fez publicações de textos importantes para o entendimento do TEA, onde foi realizado estudos que denominaram a Tríade de Wing (Wing e Gould, 1979). Assim, Wing acabou sendo reconhecida como a primeira pesquisadora a identificar e apresentar a tríade das características autísticas, sendo elas: dificuldade na socialização, alteração na comunicação e comportamento alterado. Loran Wing afirmou que essas três características estão presentes nos autistas que possuem diferentes graus e podem se manifestar de diversos modos.

Ao conviver com crianças autistas, é perceptível atitudes como isolamento, apresentam o hábito de se isolar como se tivessem a própria realidade e se fechasse no próprio mundo, tem a ocorrência de movimentos repetitivos denominados estereotípias, hiperfoco em objetos, tópicos e até idiomas que despertem o interesse delas. Vale ressaltar que tudo citado anteriormente depende do grau, pois cada criança é singular, apesar das características específicas que podem ter em comum, suas personalidades podem ser diferenciadas.

Não há exames específicos para identificar o Transtorno do Espectro Autista, ele se dá por meio de observação, testes, histórico do indivíduo e avaliação de algumas habilidades como linguagem, modo de se expressar e outros fatores. E apesar de não haver cura, há tratamento e intervenções que resulta em uma melhoria da qualidade de vida da criança, possibilitando-a desenvolver habilidades necessárias para um bom funcionamento motor, cognitivo, afetivo, social e educacional. Na área da educação há estratégias que amenizam os prejuízos, como ações que trabalham a partir dos movimentos diversas habilidades, os aspectos mentais e cognitivos.

PSICOMOTRICIDADE, PRINCIPAIS CONCEITOS E BENEFÍCIOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Há diversas classificações acerca da Psicomotricidade, e apesar de singulares, a maioria acaba levando a conceitos similares, percebe-se em todos o envolvimento de movimentos através da percepção do mundo e de si próprio. De acordo com o Instituto NeuroSaber (2019):

Etimologia da palavra psicomotricidade tem determinação da origem fundamentada no prefixo grego psico (psyché = alma, espírito), onde se atribui o termo ao estudo da mente humana, juntamente do sufixo logo, interligado ao termo motriz, que se relaciona a movimento (NEUROSABER, 2019, s/p, on line).

Em similaridade com a definição descrita acima, Rodrigues (2021) afirma que a psicomotricidade é uma excelente ferramenta para garantir a evolução no processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois, quando possuem dificuldades motoras, têm a tendência de apresentar também problemas no meio escolar. Além disso, a psicomotricidade tem grande contribuição com o processo de aprendizagem devido ao estímulo de movimentos que permanecerão com o indivíduo por toda a trajetória escolar.

Em convergência com os teóricos acima acerca dos benefícios da psicomotricidade, Aquino et al. (2012), citados por Soares (2021), relacionam a psicomotricidade a uma ferramenta do processo educacional com grande contribuição positiva, devido ao fato que a mesma desenvolve o sujeito por completo, de forma integral em todos os seus aspectos, como o motor, a área afetiva, e cognitiva. Os autores também afirmam que as atividades de psicomotricidade aprimoram o raciocínio lógico, o faz de conta, a criatividade e melhora a comunicação e socialização da criança, contribuindo também para os aspectos afetivos.

Para Oliveira et al. (2014), os elementos corporais estão diretamente ligados à consciência corporal como meio de autocomunicação, assim como com o ambiente. Logo, nota-se que para o teórico, os elementos corporais, que a psicomotricidade envolve, é um elemento básico que permite que a criança adquira a inteligência intrapessoal e interpessoal ao se relacionar com si próprio e com o ambiente externo, o que é imprescindível à formação e criação da personalidade da criança, por proporcionar conhecimento do mundo, facilitando o desenvolvimento de suas aprendizagens motora e cognitivas, melhorando significadamente seu rendimento escolar, correspondendo a diversos campos de experiências que devem ser desenvolvidos com toda criança na educação escolar.

Ao analisar o que dizem todos os autores citados anteriormente, nota-se que a psicomotricidade é de extrema relevância, para todas as crianças, pois ela permite uma aprendizagem ativa, por meio de movimentos e interação com o ambiente, o que

garantirá um aprendizado de qualidade e o desenvolvimento de diversas habilidades, tais como motora, cognitiva, inteligência espacial, inteligência intrapessoal, intrapessoal, lógica e garante uma evolução, ativa, lúdica e divertida, promovendo o prazer em aprender e se desenvolver.

Em razão do exposto, percebe-se que psicomotricidade é uma ferramenta da educação necessária para todas as crianças e principalmente para as que são diagnosticadas com TEA, sendo considerada uma intervenção que permite que as crianças com desafios motores e de interação com o meio e com os demais, se desenvolvam de forma prazerosa e não passiva, por meio dos movimentos e percepção de si e do mundo externo, envolvendo o ambiente e o outro.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA DIAGNOSTICADA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Apresentar as contribuições da Psicomotricidade de crianças com TEA é de extrema importância, pois a psicomotricidade envolve variadas formas de comunicar e expressar, verbal e não verbal, que contribui com o desenvolvimento global, como o psicomotor e afetivo dos educandos. As crianças com TEA são muito favorecidas ao desenvolver habilidades motoras, afetivas e outras que podem demonstrar dificuldades devido ao Transtorno do Espectro Autista, principalmente porque a psicomotricidade contribui com a formação da personalidade e promove a sociabilidade, desenvolvendo assim as habilidades afetadas. Nesse contexto Cordeiro e Da Silva (2018, p. 80) destacam que:

Diante das características do TEA, como a dificuldade na comunicação, interação e comportamentos repetitivos, pode-se observar por este estudo a importância da utilização da psicomotricidade relacional no desenvolvimento de crianças que apresentam o referido transtorno. A psicomotricidade relacional, como motricidade da relação, enfatiza o movimento do corpo na relação afetiva, dando a possibilidade de a criança ou o indivíduo perceber-se corporalmente e de se relacionar com o outro de modo seguro, podendo ainda, expressar-se e ser compreendida (CORDEIRO E DA SILVA 2018, p. 80).

Levando-se em consideração as estereotípias apresentadas no TEA, que consistem em movimentos repetitivos para regulação emocional, fica evidente que a

psicomotricidade contribui com o desenvolvimento discente através da movimentação corporal e deve ser incluída nos planos de aula individuais dos alunos.

No plano de desenvolvimento individual deve conter não apenas atividades sócio motoras, mas também se faz necessário propor atividades em grupo para que a criança autista sinta felicidade em se relacionar com o próximo, desenvolvendo habilidades sociais ao agir na atividade proposta. Pois como as crianças com TEA apresentam problemas de sociabilidade, deve-se trabalhar com atividades sensório-motoras em coletividade, englobando exercícios psicomotores, de forma que por meio de momentos e da ludicidade, alunos diagnosticados com o Espectro aprendam a apreciar a convivência grupal, desenvolvendo os campos de experiência.

Para Cabral (2001), cabe ao docente valorizar as descobertas da criança no ambiente por meio da exploração, propondo um espaço com limites, mas garantindo a liberdade na escola. Ao refletir a fala do autor percebe-se a relevância de oferecer um ambiente confortável e livre para que a criança realize uma exploração no meio em que estuda, exercendo assim a psicomotricidade de forma ativa, onde o docente ao invés de dominar a criança e buscar manter a mesma sempre sentada e quieta, compreenda a necessidade do aluno ser ativo e explorar o ambiente escolar, construindo a própria aprendizagem. Na psicomotricidade, o professor atua como mentor desse processo.

Se faz necessário mais formações continuadas acerca da Psicomotricidade e metodologias similares, pois, conforme pontuado por Libâneo e Pimenta (2006) a formação possibilita aos professores ir construindo seus fazeres docentes por meio das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no dia a dia. Isso gera reflexão acerca da formação profissional na educação infantil em uma concepção de direito e não apenas de exigência.

É interessante que o docente haja dessa forma com toda criança, mas especialmente com a criança com TEA, pois algumas são hiperativas, o que torna ainda mais difícil para ela ser um aluno passivo. As dificuldades que possuem os alunos com o Espectro Autístico, como o processo de interação social com as demais crianças, podem ser trabalhadas com jogos e brincadeiras lúdicas por meio do se mover, o que proporciona um aprendizado significativo e não mecânico nas crianças, onde se desenvolvem de modo ativo ao invés da passividade. O professor media todo o processo, mas é a criança quem gerencia o próprio conhecimento e desenvolve o prazer em explorar, descobrir, aprender, se relacionar, imaginar, raciocinar e se desenvolver.

Dentre as características do TEA está o hiperfoco, caracterizado como um interesse restrito e repetitivo. Estudos evidenciaram a presença do hiperfoco como uma característica comum em pessoas com TEA. De acordo com Matson e Love (2018):

O hiperfoco pode se manifestar de diferentes maneiras, variando desde o foco intenso em sugestão específica, como dinossauros ou matemática, até o envolvimento profundo em atividades repetitivas, como objetos ou objetos alinhados em linhas (MATSON E LOVE, 2018, p. 230).

Dessa forma, conclui-se que o hiperfoco contém emoções aliadas ao aprendizado e no desenvolvimento escolar de crianças com TEA. Tendo em vista que o hiperfoco pode ser o gerador de motivação e garantir a participação do aluno em áreas que despertam o seu interesse. Logo, é possível notar a relevância de despertar o interesse do aluno em sala de aula para estimular a concentração e desenvolver novas habilidades no educando.

É de extrema relevância conhecer as características do educando e saber usar metodologias em consonância com elas, é imprescindível que os docentes sintam segurança em efetuar metodologias de inclusão dentro da sala de aula, e para isso é preciso que o professor compreenda as dificuldades do seu aluno, ou seja, é primordial fornecer um amparo teórico, metodológico e prático de ensino inclusivo para os docentes. Portanto, para os autores Battisti e Heck (2015, p. 20):

Existem inúmeras formas de se trabalhar com as crianças autistas e com isso alguns métodos são utilizados para uma melhor inclusão desses alunos, mas não existe uma receita pronta, é preciso investir no acolhimento e na mediação da aprendizagem (BATTISTI E HECK, 2015, p. 20)

Percebe-se que não há uma receita pronta, mas despertar o interesse do aluno com metodologias estimulantes podem garantir o engajamento do educando na aula e ainda facilitar o trabalho no docente no quesito relacionado a colaboração e envolvimento do aluno com a atividade proposta pelo mediador.

Para superação de dificuldades de alunos com TEA, as metodologias utilizadas em sala de aula devem possuir relação com a Psicomotricidade, podendo ser por meio de métodos semelhantes, como musicalização, ludicidade, materiais concretos, circuitos, percursos e outras atividades psicomotoras relacionadas diretamente com a Psicomotricidade. O que todas as metodologias apresentadas possuem em comum é

que são intituladas ativas, onde o aluno é ativo e aprende por meio da interação com o ambiente e colegas ao redor, por meio da exploração e engajamento nas aulas mediadas pelas docentes.

Atividades psicomotoras no cotidiano escolar para a superação das dificuldades revelam que a psicomotricidade tem grande contribuição com o processo de aprendizagem devido ao estímulo de movimentos que resultam em habilidades que permanecerão com o indivíduo por toda a trajetória escolar.

DESAFIOS RELACIONADOS A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS COMO A PSICOMOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALUNOS COM O DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Há muitas conquistas garantidas na legislação que garante direitos básicos para pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, no que se refere à educação, como o professor auxiliar em sala de aula, mas ainda há muitos direitos a serem conquistados e que, na prática não estão ocorrendo como o esperado. Principalmente a garantia de planos individualizados, envolvendo a psicomotricidade e outras metodologias adequadas que integram de fato esses alunos.

O Art. 2º da Lei 12.764/2012 prevê o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com TEA, bem como aos responsáveis. Desse modo, o aluno iniciará suas atividades na escola regular acompanhado de um profissional com dedicação exclusiva a ele, sendo possível a sua integração nas turmas regulares, e possibilita atenção exclusiva e auxílio na realização das atividades que psicomotoras, o que é de suma importância ao desenvolvimento do educando, para isso o professor precisa estar motivado a fazer um plano individualizado e o auxiliar deve colaborar para ser realizado. Mas nem sempre os profissionais se encontram motivados e incentivados a fazer acontecer essas aulas especializadas. Pois embora se fale muito em inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, são evidentes os desafios enfrentados diariamente pelos docentes ao tentar incluir alunos com TEA nas aulas, na realidade ainda existem muitas dificuldades a serem solucionadas.

Muitos docentes não buscam informações e essa falta de informação dificulta o processo de desenvolvimento no ensino aprendizagem do aluno com TEA. Segundo Beyer (2007, p. 12), “Os professores se sentem despreparados [...]. Faltam a estes uma

melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho”. Esta é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes, à falta de formação específica para essa área e até mesmo a falta de apoio na sala de aula. Não basta apenas matricular o aluno na escola, é preciso preparar toda a equipe escolar para receber esse aluno, visando incluí-lo de fato no processo educativo. Pois com o despreparo docente, os maiores prejudicados são as crianças com TEA.

É imprescindível que os docentes estejam atualizados, amparados e sintam segurança em efetuar metodologias de inclusão dentro da sala de aula, e para isso é preciso que o professor tenha ciência sobre as dificuldades do seu aluno, ou seja, é primordial fornecer um amparo teórico, metodológico e prático de ensino inclusivo para os docentes.

Diante disso, o docente precisa buscar a evolução tanto pessoal quanto profissional, pois através disso ele poderá trazer metodologias ativas adequadas de acordo as particularidades do aluno, auxiliando o desenvolvimento positivo e significativo do educando. Para a inclusão acontecer toda a equipe escolar deve ver além da acessibilidade a sensibilidade. Sensibilidade em compreender que o aluno com TEA aprende de uma forma e tempo diferente dos demais. Sendo isso um desafio constante, pois na realidade escolar o docente não consegue dar a atenção necessária ao aluno com necessidades educacionais especiais, precisando assim de um auxílio maior na sala de aula.

Segundo Pereira (2014) pode-se destacar que o modelo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) preconizado pela política nacional de Educação Especial na Perspectiva inclusiva, garante ao aluno com TEA o apoio do professor auxiliar ou acompanhante terapêutico. Dessa forma as atividades com intervenções individualizadas podem ser realizadas, porém, ainda há o desafio da falta de informação familiar que pode compreender o Plano Individualizado como exclusão, quando ainda segundo Pereira (2014) O PEI se trata de um recurso pedagógico com ênfase no educando, elaborado com foco estabelecido no aluno, com metas acadêmicas e funcionais aos discentes com deficiência.

Para a realização da psicomotricidade se faz necessário recursos, local espaçoso, organizado e seguro. Mas a ausência de recursos metodológicos no âmbito escolar dificulta o processo de aprendizagem do aluno com TEA. Para Camargo et al., (2020):

Devido às diferenças peculiares que variam de criança para criança, o processo de aprendizagem necessita de ajustes que confrontam os modelos tradicionais de ensino, impondo desafios e novas barreiras aos docentes, como forma de garantir a permanência escolar dos alunos com TEA (CAMARGO et al., 2020, p. 11).

Pois conforme o que foi citado anteriormente, para Felício (2007), uma escola que vai além do tradicionalismo e fornece uma educação de qualidade para alunos com necessidades especiais, precisa de um ambiente educacional estruturado e adaptado para as suas necessidades e dificuldades. Através desses recursos metodológicos o ensino se torna mais viável pois, esses materiais auxiliam o interesse e o desempenho do aluno a aprender.

Recapitulando a relevância do Plano de Desenvolvimento Individual, na rede de ensino regular para alunos com necessidades especiais, tem-se o desafio de que familiares e até alguns profissionais podem considerar o PEI uma forma de exclusão, mas isso é uma maneira errônea de considerá-lo, pois como afirma Pereira, 2014:

A individualização do plano não consiste na segregação do ensino, ou de criar um currículo à parte, mas de transpor estratégias de ensino e aprendizagem mais coerentes com as necessidades educacionais de cada sujeito. Para a efetivação da prática é necessário um instrumento de individualização que pressuponha planos sistemáticos de diferenciação de métodos e estratégias de ensino contextualizadas (PEREIRA, 2014, p. 45).

Devido às contradições vivenciadas pela sociedade antiga, no qual a criança com deficiência não era considerada um ser comum e muitas vezes vista como empecilho para a sua família, isto é, em alguns países essas crianças eram impossibilitadas de conviver com a família por serem consideradas incapazes e inúteis para fazer qualquer tipo de serviço de força ou de casa no caso de mulheres. Sendo assim ocorriam de serem descartadas como lixo ou até mesmo eliminadas.

Conforme afirma Dutra (2021) o ambiente apropriado para crianças com necessidades especiais deve favorecer uma leitura clara, sem muita complexidade, sem poluição visual, permitindo com que a criança com TEA perceba facilmente a função dele, o que trará mais segurança e controle a ela sobre aquele espaço. Além de que é relevante mencionar que o ambiente deve causar sensações de conforto, segurança e bem-estar e assim, conseqüentemente, influenciar no processo de aprendizagem da

criança. Porém, se não for bem organizado, esse espaço pode resultar em reações negativas, como o estresse.

Uma característica presente em discentes diagnosticados com TEA é a sensibilidade sonora, segundo Hazell (2002) a hipersensibilidade Sonora é caracterizada por uma desordem relacionada a sensações, voltadas para a intensidade dos sons do dia a dia, que incomodam a pessoas neurodivergentes com hipersensibilidade. Devido ao, para evitar reações negativas na sala de recurso durante o desenvolvimento de uma atividade pedagógica pode-se adaptar o local para evitar perturbações sonoras durante a realização das atividades.

É de extrema importância que o local seja seguro para o aluno, sendo assim, recomenda-se que o mobiliário não possua quinas vivas e que permitam escaladas, corridas e demais expressões corporais e movimentos que envolvem a psicomotricidade para garantir o desenvolvimento completo da criança com segurança e conforto. As salas de recursos multifuncionais integram atividades pedagógicas que auxiliam o trabalho do professor do ensino regular no desenvolvimento significativo da criança com deficiência.

Nas Salas de Recursos Multifuncionais são oferecidas várias formas funcionais de aprendizagem, onde a criança é recepcionada com afeto, carinho e acolhimento, pois, a autoestima da criança deve ser trabalhada desde o primeiro contato com o professor e a escola, porém se a criança se demonstra desmotivada ou desinteressada pelos estímulos ofertados cabe ao professor por meio da sua convivência e relação com o aluno buscar soluções para evoluir seus aprendizados.

Diante disso, é viável ressaltar a importância da sala de recursos, pois é um dos principais meios de conquistar o interesse e motivação da criança que possui alguma necessidade especial, além de favorecer a realização de atividades psicomotoras.

As salas de recursos multifuncionais cumprem o propósito de organização de espaços, na própria escola comum, dotados de equipamentos, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos que auxiliam na promoção da escolarização, eliminando barreiras que impedem a plena participação dos alunos público-alvo da educação especial, com autonomia e independência, no ambiente educacional e social. (BRASIL, 2010, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo almejou evidenciar as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Por meio de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, o qual de forma seletiva utilizou-se critérios de exclusão e inclusão com base de dados de pesquisas, servindo assim como viés principal para analisar a documentação, abordando a temática de maneira recente acerca da Psicomotricidade como intervenção pedagógica.

No decorrer deste estudo foi possível observar que as crianças com TEA apresentam inúmeras características que se manifestam de diferentes formas em cada pessoa, podendo prejudicar o rendimento acadêmico. Ficou evidente que as docentes precisam ter ciência acerca do que se trata esse Espectro e estão sempre se reinventando quanto as metodologias, para integrar os alunos e assegurar uma educação de qualidade.

Os objetivos foram alcançados de forma satisfatória, pois foi possível compreender a evolução de conceitos acerca da Psicomotricidade como intervenção no desenvolvimento da criança com TEA e do Transtorno do Espectro Autista com o passar so tempo, de forma que foi evidenciado que a psicomotricidade auxilia de forma positiva, pois é uma maneira de estimular a criança com problemas de concentração, de socialização e coordenação motora nos quesitos equilíbrio, lateralidade, consciência corporal, habilidades sociais e comunicativas de forma dinâmica. Foi possível constatar que metodologias ativas utilizadas no cotidiano escolar auxiliam no desenvolvimento completo do educando, ficando em evidência a relevância de uma educação que coloca a criança diagnosticada com TEA como centro no processo de aprendizagem.

No que tange as dificuldades no que se refere a aplicabilidade de metodologias ativas como a psicomotricidade no dia a dia escolar, notou-se que variam de fatores ambientais, preconceito com planos especializados e até mesmo falta de formações continuadas, que colocam em evidência a psicomotricidade com intervenção englobando prática e teoria. Foi possível constatar que o ambiente adequado para desenvolver a psicomotricidade são os locais arborizados, amplos, organizados e com disponibilidade de recursos que estimulem experiências sensoriais e interações com o meio. Constatou-se também a relevância de mais formações continuadas baseadas em

prática e teoria acerca da psicomotricidade como intervenção pedagógica e demais metodologias que contribuam de forma significativa o desenvolvimento dos campos de experiência de crianças autistas, outro fato relevante evidenciado é o de que para a educação ser de fato inclusiva, deve haver um plano de desenvolvimento individual do aluno, sendo de suma importância a presença de atividades psicomotoras nesse plano.

Essa pesquisa se revela de grande importância para a comunidade acadêmica, pelo motivo de que é imprescindível para a discussão do tema em questão, tendo em vista que através dos resultados e discussões observou-se a percepção de teóricos relevantes acerca do Transtorno do Espectro Autista e da Psicomotricidade, contribuindo com integração e inclusão nas instituições regulares de ensino, além de trazer dados importantes sobre características do TEA e métodos para superar desafios que ele traz.

Os achados dessa pesquisa são úteis para professores na elaboração de planos de aulas e estratégias de ensino, psicopedagogos, familiares e demais público que busca compreender mais o Espectro Autista e de que modo a psicomotricidade contribui para o desenvolvimento de crianças com o respectivo Transtorno.

Por fim, percebe-se que a aplicação da psicomotricidade como metodologia no cotidiano escolar ainda demanda de bastante estudo, a fim de que os educandos recebam uma educação inclusiva de qualidade, resultando no desenvolvimento completo de suas habilidades e para que os docentes sintam-se preparados e amparados por informações teóricas e práticas diante dos desafios advindos do TEA. Portanto, essa pesquisa bibliográfica não se encerra aqui, pois servirá como fonte para outros trabalhos que possam ser desenvolvidos com a temática, a partir deste.

REFERÊNCIAS:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5ª ed, Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. SEE/MEC, (2010) Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2012-pdf/9936-manual-orientacao-programa-implantacao-salas-recursos-multifuncionais>. Acesso em 16 Jul. 2023.

BRASIL. (2013) Ministério da Saúde. *Linha de Cuidado para a atenção integral às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias no sistema único de saúde*.

Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/autismo_cp.pdf. Acesso em: 31 Jul. 2023

BRASIL. 1996. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em 16 Jul. 2023.

BRASIL. 2012. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 23 Abr. 2023.

BRASIL. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem autismo*. 2ª ed. rev. Brasília: MEC, SEESP. 2003.

BATTISTI, A.V.; HECK, G.M.P. *A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática*. Chapecó. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

CABRAL, Suzana Veloso. *Psicomotricidade Relacional: prática clínica e escolar*. RJ: Revinter, 2001.

CAMARGO, S. P. H; SILVA, G.L; CRESPO, R.O; OLIVEIRA, C.R; MAGALHÃES, S.L. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 36, e214220, p.1-22, jul, 2020.

CORDEIRO, L. C., & SILVA, D. da. A contribuição da psicomotricidade relacional no desenvolvimento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Google acadêmico. *A Faculdade Sant'Ana Em Revista*, v.2 p. 69-82. Ago, 2018.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família*. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

DUTRA, M. S. J. *A importância do espaço físico para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): Proposta de intervenção em uma sala de recursos multifuncionais*. Colatina. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo). Instituto Federal do Espírito Santo, 83f. 2021.

FELÍCIO, V. C. *O autismo e o professor: um saber que pode ajudar*. Campus de Bauru. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Ciências UNESP, 2007.

Gil, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

HAZELL, J. *Hypersensitivity of hearing: hyperacusis, phonophobia and recruitment*. AIA Newsletter: Autumn. (2002).

INSTITUTO NEROSABER. (2019). *Entenda o conceito de Psicomotricidade*. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/entenda-o-conceito-depsicomotricidade/> Acesso em: 15 Jul. 2023.

Gabrielly Evangelina BEZERRA; Krísler Lira XAVIER; Zilma Cardoso Barros SOARES. TEA: A PSICOMOTRICIDADE COMO INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA. *JNT Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE AGOSTO. Ed. 44. VOL. 01. Págs. 234-251. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

LIBÂNEO, J. C. ; PIMENTA, S. G. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. *Scielo, Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2006.

MERCADANTE, Marcos T.; ROSÁRIO, Maria C. *Autismo e cérebro social*. São Paulo: Segmento Farma, 2009.

MATSON, J. L., LOVE, S. R. Examinando domínios de comportamento restrito e repetitivo para indivíduos com autismo de baixo funcionamento. *Developmental Disabilities*, repositório Universitário da Ânima (RUNA), v. 72, p. 227-235, jun, 2018.

OLIVEIRA, L. F. d. O. et al. O esquema corporal no desenvolvimento da criança: um breve estudo. *Fórum Fepeg - Universidade, saberes e práticas inovadoras*, Montes Claros. 8ª ed., 24-27 set. 2014.

PEREIRA, D. M. *Análise dos efeitos de um plano educacional individualizado no desenvolvimento acadêmico e funcional de um aluno com transtorno do espectro do autismo*. Natal. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

RODRIGUES, K. D. Psicomotricidade na Educação. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. *Rev. Pemo, Research, society and Development* [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335566, jun, 2021.

SOARES, RAS; SILVA, CM; QUEIROZ, DP.; SANTOS, SR; MIRANDA, TFL Dança, psicomotricidade e educação infantil: revisão de literatura e considerações para uma educação física escolar significativa. *Investigação, Sociedade e Desenvolvimento*, [S. l.] , v. 10, n. 12, pág. e530101220718, set, 2021.

WING, L. e GOULD, J. Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: epidemiology and classification. *J Autism Dev Disord*, springer link, v.9, n.1, p.11-29, mar. 1979.